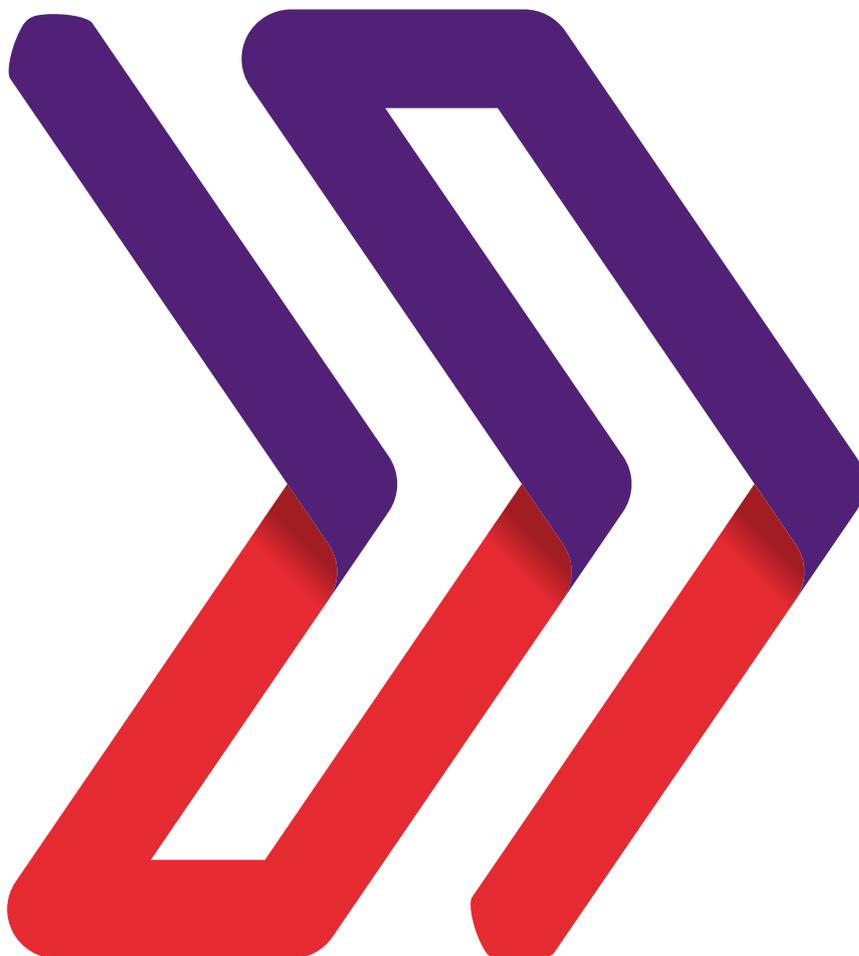


Perspectivas sobre relatórios ESG

Uma análise sobre o futuro dos relatórios relacionados aos aspectos Ambientais, Sociais e de Governança

Comitê Global de Políticas Públicas - abril de 2022



Prefácio

Compartilhamos a publicação realizada pelo Comitê de Políticas Públicas Globais (GPPC), composto por representantes das seis maiores empresas de contabilidade.

O cenário de relatórios Ambientais, Sociais e de Governança (ESG, da sigla em inglês) está evoluindo rapidamente e mudará ainda mais nos próximos meses e anos e, como resultado, tornou-se um foco do GPPC.

Conseqüentemente, o GPPC reuniu representantes dos grupos no ecossistema de relatórios e auditoria, governança corporativa, investidores e formuladores de políticas de todo o mundo, composto por representantes das seis maiores empresas de auditoria, sendo Grant Thornton, KPMG, PwC, Deloitte, EY e BDO, para participar de quatro¹ mesas redondas regionais para considerar o cenário atual de relatórios ESG para que pudessem contribuir com seu conhecimento e experiência sobre este tema complexo.

Essas discussões, realizadas sob a Regra da Chatham House², se concentraram em responder a três perguntas amplas sobre relatórios e garantias ESG:

- Onde estamos agora?
- Para onde queremos ir?
- Como chegamos lá?

O objetivo é ajudar os normatizadores e os tomadores de decisões de políticas públicas a identificar abordagens potenciais para melhor alinhar as soluções de relatórios e auditoria corporativas com os objetivos dos stakeholders e da sociedade.

Este artigo destaca os principais pontos levantados pelos participantes da mesa redonda e as áreas onde há convergência e divergência de opinião. Eles são resumidos nos seguintes títulos:

- Há um claro consenso de que existem gaps entre o que se deseja e o que se entrega, com foco no clima
- Há uma divergência de opinião sobre as origens desses gaps atuais
- Dados são uma questão desafiadora
- A materialidade é extremamente importante
- Relatórios integrados – ou fontes separadas para usuários diferentes?
- Padrões globais consistentes são necessários, e os formuladores de políticas devem intensificar; o ISSB acolheu amplamente
- Avaliações robustas são essenciais
- Novas habilidades necessárias – e todo um esforço do ecossistema.

Se você deseja discutir qualquer área deste documento com mais detalhes, recomendamos que você entre em contato com os nossos especialistas:



Daniele Barreto e Silva
Líder de Sustentabilidade
da Grant Thornton Brasil



Clayton Codo
Sócio de Auditoria da
Grant Thornton Brasil

¹ The regional areas were the Americas, EMEA [Europe, Middle East and Africa], Asia Pacific and Oceania

² When a meeting, or part thereof, is held under the Chatham House Rule, participants are free to use the information received, but neither the identity nor the affiliation of the speaker(s), nor that of any other participant, may be revealed.



Perspectivas sobre relatórios ESG

O futuro dos relatórios ESG explorado

No final de 2021, o GPPC¹ reuniu partes interessadas representando diversos grupos no ecossistema de relatórios corporativos² em quatro discussões regionais para explorar relatórios corporativos Ambientais, Sociais e de Governança (ESG, da sigla em inglês) e avaliação do futuro. Representantes das comunidades de relatórios e avaliações, governança corporativa, investidores e formuladores de políticas nas Américas (Estados Unidos, México, Canadá e região da América Latina), Ásia-Pacífico (Japão, Cingapura, Hong Kong, Malásia), EMEA (Europa, Oriente Médio e África) e Oceania (grupos de ilhas da Austrália e do Pacífico Sul) foram convidados a participar das mesas redondas com base em seu conhecimento e experiência em temas relevantes.

As discussões exploraram o cenário atual de relatórios ESG em termos de: 1) Onde estamos agora, 2) Para onde queremos ir e 3) Como chegar lá. Com base no entendimento de que pode haver uma desconexão entre o que os padrões atuais de relatórios de contabilidade e auditoria exigem e permitem, o que alguns investidores e stakeholders esperam, as discussões foram realizadas sob a Regra da Chatham House³ e foram projetadas para explorar possíveis abordagens para alinhar melhor relatórios e auditoria com os objetivos dos stakeholders e da sociedade.

O relatório a seguir destaca os principais pontos levantados pelos participantes da mesa redonda, em particular examinando áreas de convergência e divergência de opinião. As observações de alguns participantes são citadas (em itálico) ao longo do relatório com atribuição por categoria de participante em vez de nome e organização. Essa atribuição foi criada para ajudar a entender a perspectiva a partir da qual os comentários foram feitos, em vez de sugerir que qualquer posição é típica ou não de um determinado grupo de partes interessadas. Para obter uma lista completa das categorias de participantes, consulte o Apêndice A.

1. Há um claro consenso de que existem gaps entre o que se deseja e o que se entrega, com foco no clima

Houve um consenso geral entre os participantes de que os relatórios precisam mudar para melhor contabilizar os riscos relacionados ao clima e, de fato, riscos ESG mais amplos. Os investidores, por exemplo, estão exigindo mais informações para tomar decisões mais bem informadas sobre onde alocar capital.

Existem gaps entre as expectativas dos investidores para relatar o risco climático e o que as empresas entregam.

TCWG, Oceania

¹ O Comitê de Políticas Públicas Globais (GPPC) é o fórum global de representantes das seis maiores redes de princípios contábeis: BDO, Deloitte, EY, Grant Thornton, KPMG e PwC, que tem como objetivo de interesse público a melhoria da qualidade em auditoria e relatórios financeiros.

² Os participantes representaram grupos de partes interessadas, incluindo investidores e gestores de ativos, associações de investidores, preparadores corporativos e líderes ESG, organizações empresariais, responsáveis pela governança (TCWG), incluindo comitês de auditoria e conselhos corporativos, auditores/asseguradores e entidades profissionais.

³ Quando uma reunião, ou parte dela, é realizada sob a Regra da Chatham House, os participantes são livres para usar as informações recebidas, mas nem a identidade nem a afiliação do(s) orador(es), nem de qualquer outro participante, pode ser revelada.



Um participante da entidade asseguradora/profissional nas Américas observou que os relatórios atuais são projetados para apresentar uma perspectiva histórica do que você alcançou, e não necessariamente para capturar informações prospectivas ou avaliar qual será seu impacto. Há necessidade de padrões tanto para relatar as métricas de desempenho ESG em termos do que uma empresa realizou até o momento quanto para capturar uma visão mais prospectiva do impacto.

“Todos concordam que precisamos de melhores reportes e essa é a jornada em que estamos. Existem diferenças de opinião entre as pessoas – investidores e muitas vezes empresas e contadores profissionais – sobre o que é exigido pelos padrões atuais.”

Seguradoras e entidades profissionais, EMEA

2. Há uma divergência de opinião sobre as origens desses gaps atuais

Em três das quatro mesas redondas, quando questionados sobre o que está gerando a lacuna entre o que os investidores e outros esperam que as empresas apresentem em suas demonstrações financeiras e o que é fornecido atualmente, uma pluralidade identificou: “Os requisitos de relatórios financeiros, contabilidade e auditoria hoje estão desatualizados e precisam evoluir...” (Uma pluralidade de participantes na mesa redonda da Ásia-Pacífico identificou: “As empresas precisam de mais tempo para finalizar as avaliações climáticas e seu impacto nas demonstrações financeiras.”)

Houve, no entanto, uma divergência entre aqueles que atribuíram a lacuna de informação a padrões inadequados e aqueles que criticaram a aplicação inadequada dos padrões existentes.

Para alguns, a questão principal é que os padrões não acompanharam a evolução da demanda.

“Há uma desconexão entre o que os padrões atuais de contabilidade e auditoria exigem e o que um número crescente de partes interessadas espera.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, Oceania

Um participante da EMEA argumentou que (apesar das orientações emitidas pelo IASB e IAASB) as normas atuais de relatórios e auditoria carecem de especificidade ou, em alguns casos, até mesmo permissão para que empresas e auditores atendam às expectativas dos investidores. Um exemplo foi o teste de imparidade IAS 36. Quando o valor recuperável dos ativos é baseado no seu valor de uso, os fluxos de caixa futuros devem ser estimados com base nos ativos em sua condição atual e reestruturações futuras não podem ser consideradas. Os fluxos de caixa previstos também devem representar a melhor estimativa da administração dos fluxos de caixa futuros, o que não representaria necessariamente um cenário líquido zero, mas sim uma projeção baseada em vários resultados futuros possíveis.

No entanto, outros acharam que as normas IFRS atuais são amplamente adequadas e a questão está em como as normas são aplicadas.

“Acho que é mais a aplicação dos padrões do que os padrões... Pode haver a necessidade de mudar alguns padrões no futuro, mas, como ponto de partida, trata-se de incorporar o risco aos padrões atuais e à estrutura atual.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, EMEA



Para alguns, havia uma visão de que o clima é muitas vezes um risco financeiro relevante e, portanto, deve ser levado em consideração nas demonstrações financeiras de acordo com os padrões atuais:

“Estamos lidando com percepções, incluindo a falta de evidências de que as empresas estão incorporando assuntos materiais relacionados ao clima em suas demonstrações financeiras, que as premissas relacionadas ao clima não são visíveis nas demonstrações financeiras e que as empresas não têm uma história consistente em seus Relatórios ESG.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, Oceania

Alguns apresentam o argumento de que, dado o ritmo das mudanças, as empresas precisam de mais tempo para realizar adequadamente as avaliações de risco climático e fornecer divulgações relacionadas ao clima. Na discussão Ásia-Pacífico, os participantes citaram uma série de fatores contribuintes, incluindo a falta de talento e conhecimento dentro das comunidades corporativas e de auditoria necessários para entender dados complexos e, muitas vezes, altamente científicos, além de preparar e assegurar relatórios de acordo com uma série de diferentes estruturas de relatórios.

Por outro lado, um investidor/participante da associação de investidores rejeitou totalmente o argumento de que é necessário mais tempo para as empresas se prepararem, acreditando firmemente que o IASB deixou claro que o risco climático é um risco econômico relevante como qualquer outro e, portanto, está sujeito aos mesmos requisitos de divulgação.

“Falamos sobre isso há muito tempo – estamos há seis anos fora do acordo de Paris. É difícil ver... Que sinal mais é preciso, do governo, da sociedade, do sistema financeiro, de que essa é uma questão relevante?”

Investidores e associações de investidores, Ásia-Pacífico

3. Dados são uma questão desafiadora

Outra área em que houve amplo consenso nas discussões é que é difícil obter os dados corretos. A qualidade dos modelos, resultados, usabilidade e confiabilidade variam de uma perspectiva orientada para a ação, mas geralmente ainda não atendem aos padrões de qualidade que as empresas precisam para atender a demanda dos investidores.

“Entra lixo, sai lixo. A má qualidade dos dados pode resultar em decisões de investimento mal informadas, o que afeta os mercados de capitais.”

Empresas e organizações empresariais, Américas

Em particular, obter dados para emissões de Escopo 3 é um desafio, pois depende muito de cálculos e estimativas. Um participante de uma empresa/organização empresarial nas Américas observou que certas empresas acreditam que esses tipos de divulgação não são semelhantes a nada com o qual lidaram anteriormente, e as tecnologias para capturar os dados para apoiar essas divulgações não evoluíram com rapidez suficiente para atender às demandas regulatórias e de investidores.

Mas um participante da associação de investidores adotou uma perspectiva diferente sobre a questão dos dados, sugerindo que há muitos dados por aí. As empresas estão relatando uma grande quantidade de informações, mas não estão atribuindo “peso” a cada ponto de dados em relação ao que é realmente relevante para os investidores.



“Mas o que eles estão achando difícil de determinar é quais pontos de dados são realmente relevantes. E se eles derem peso igual a cada ponto de dados, eles apresentarão a análise de investimento errada. Eles estão lutando com quais são os pontos de dados relevantes.”

Investidores e associações de investidores, Américas

4. A materialidade é extremamente importante

Outro conceito-chave que foi amplamente debatido – com visões divergentes – é a materialidade. Como você define o que é relevante em termos ESG e como concilia as diferentes perspectivas de diferentes partes interessadas? Além disso, como a materialidade quantitativa pode ser aplicada a relatórios baseados em narrativas sobre Indicadores Chave de Desempenho (KPIs), por exemplo, ou análises de sensibilidade?

Na discussão da Ásia-Pacífico, um desacordo fundamental sobre o que é relevante foi visto como o principal fator da lacuna entre o que as empresas estão relatando e o que os investidores estão buscando.

“Não posso acreditar que empresas e auditores estariam assinando contas que não incluíam isso como risco, a menos que já tivessem essa visão, que o clima não era um risco relevante para seus negócios. E isso, eu acho, é onde a frustração está sendo sentida. Os investidores estão dizendo que isso é importante para nossa tomada de decisão de investimento, mas as empresas estão dizendo: 'Bem, nosso melhor julgamento e o julgamento de nossos contadores e auditores é que isso não é relevante para nossas demonstrações financeiras.’”

Investidores e associações de investidores, Ásia-Pacífico

Na EMEA, alguns expressaram apoio à abordagem do SASB aos padrões⁴ e o desejo de que as empresas formem uma avaliação de materialidade que as partes interessadas possam contestar.

“Olhando para a materialidade e dizendo que o que é mais importante para as empresas individuais, o perigo é dizer que temos a mudança climática e um risco social ou outros riscos ambientais. Parte disso é sobre o conselho fazer a análise para entender quais são os riscos ESG mais importantes e informar seus investidores sobre isso. É por isso que muitos investidores apoiam o SASB, porque ele tem a lente da materialidade.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, EMEA

Havia também a visão de que um foco maior na materialidade ampliaria o foco para tópicos relacionados ao “S” (por exemplo, capital social/humano, diversidade) e ao “G” (por exemplo, governança/supervisão do conselho).

“E o G? Conhecemos a biodiversidade; sabemos sobre o meio ambiente. O G merece um lugar de destaque. Riscos de longo prazo para as empresas correlacionam altamente quantos riscos existem na governança de uma empresa.”

Seguradoras e entidades profissionais, EMEA

5. Relatórios integrados – ou fontes separadas para usuários diferentes?

⁴ O SASB descreve seu trabalho como “identificando o subconjunto de questões ESG mais relevantes para o desempenho financeiro em cada um dos 77 setores... com base em amplo feedback de empresas, investidores e outros participantes do mercado como parte de um processo transparente e publicamente documentado”.



Voltando-se mais às soluções, um aspecto que foi amplamente discutido foi a forma de reportar as principais informações relacionadas ao ESG. Houve alguma divergência nesse aspecto.

Nas Américas, por exemplo, muitos comentaristas nas categorias de participantes expressaram a noção de que os relatórios ESG podem servir a propósitos diferentes, dependendo do usuário. De modo geral, os comentaristas acreditavam que deveria haver diferenciação entre o que é relatado nas ou com demonstrações financeiras de uma empresa e o que deveria ser transmitido por meio de outras fontes, como Relatórios de Sustentabilidade Corporativa (CSR).

Isso se refletiu na Ásia-Pacífico, onde houve amplo acordo entre os participantes de que existe uma grande variedade de partes interessadas com interesses variados em informações relacionadas ao ESG. Assim, as divulgações devem ser englobadas de maneiras diferentes e podem diferir em termos de conteúdo e detalhes com base no público. No entanto, a maioria dos participantes concordou que informações relevantes devem ser refletidas em relatórios que contenham demonstrações financeiras auditadas, enquanto certas informações prospectivas, como as atualmente relatadas sob a estrutura GRI, podem permanecer nos relatórios de sustentabilidade de uma empresa ou em outros relatórios não financeiros.

“Você deve ter informações ESG relevantes no relatório anual porque, na verdade, é parte de uma empresa que funciona bem. Uma empresa que está funcionando bem estará gerenciando e estará monitorando seus principais riscos e oportunidades.”

Investidores e associações de investidores, Ásia-Pacífico

Na EMEA, havia uma opinião de que a ligação entre os relatórios financeiros e a narrativa de gestão precisa ser mais clara e consistente. Alguns participantes argumentaram que um passo importante à frente seria uma conexão mais intrínseca entre as premissas e visões estabelecidas no relatório de administração com as premissas que estão por trás do relatório financeiro.

“O ponto sobre os fluxos de caixa é que as suposições iniciais estão vinculadas aos números resultantes. Por exemplo, o teste de imparidade é sobre fluxos de caixa e precisa levar em consideração o clima.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, EMEA

Isso levou à visão de que os relatórios financeiros e ESG precisam se tornar mais convergentes:

“Não gosto mais de distinguir entre informações financeiras e informações não financeiras. Esta é a informação que os investidores precisam. Precisamos tratar tudo da mesma forma.”

Empresas e organizações empresariais, EMEA

6. Padrões globais consistentes são necessários, e os formuladores de políticas devem intensificar; o ISSB acolheu amplamente

Independentemente da forma como os relatórios são tratados, houve acordo nas quatro discussões regionais de que padrões globais claros e consistentes são essenciais. Para alguns, a formulação de políticas não tem acompanhado o ritmo. Da perspectiva de uma organização empresarial participante das Américas, por exemplo, o ambiente regulatório e político doméstico nos EUA está ficando para trás,



embora importantes regulamentações da Comissão de Valores Mobiliários americana (SEC) sobre divulgações relacionadas ao ESG sejam esperadas em 20225. Sem essas regulamentações, as empresas continuam lutando com o que estão medindo e com o que as diferentes jurisdições são ou exigirão no futuro. Ter políticas em vigor ajudará a eliminar a incerteza no mercado, afirmou um participante da empresa, e ajudará as empresas a tomar decisões sobre o que e como medir e relatar. Um participante das Américas observou:

“Queremos que nossos reguladores nos forneçam orientações que não estejam necessariamente lá.”

TCWG, Américas

Na mesma linha, os participantes da EMEA expressaram frustração com a proliferação e fragmentação de estruturas.

“Nos próximos dois anos, esperamos CSRD, padrões de sustentabilidade da UE, IFRS, taxonomia social e essas são apenas algumas coisas que estamos vendo à frente. Eu tenho que dizer a vocês métodos, processos, sistemas de TI -- eles precisam estar preparados para reunir os dados que são necessários para a comunidade financeira. Estamos absolutamente dispostos a entregar isso, mas levará algum tempo para nós. Na medida que temos cinco, seis, sete estruturas para cumprir, este é realmente um processo difícil.”

Empresas e organizações empresariais, EMEA

Nas Américas, houve amplo apoio entre os participantes para uma linha de base global de padrões de relatórios ESG que poderiam ser complementados por padrões adicionais para assuntos de importância local.

Muitos participantes em todas as categorias e regiões aplaudiram especificamente a criação e a direção do Conselho Internacional de Padrões de Sustentabilidade (ISSB), vendo-o como o melhor caminho a seguir em direção a um único conjunto de padrões globalmente aceitos. Na Ásia-Pacífico, um participante disse:

“Congratulo-me com a direção que o ISSB parece estar indo... o ISSB e o IASB parecem estar muito focados no investidor com relatórios integrados em seu núcleo.”

Empresas e organizações empresariais, Ásia-Pacífico

A percepção positiva foi geralmente compartilhada na Oceania, onde muitos participantes sentiram que a estrutura do ISSB é em grande parte motivo de otimismo, especialmente se servir como uma linha de base que permite relatórios complementares com base nos mercados locais e nas necessidades da indústria. Alguns acreditavam que a estrutura do ISSB abordaria os desafios atuais e esclareceria os requisitos de relatórios que atendem às expectativas dos investidores e da sociedade e melhoram a consistência dos relatórios.

⁵ Desde a data da Mesa Redonda das Américas (14 de dezembro de 2021), a SEC emitiu uma proposta para comentários públicos intitulada “The Enhancement and Standardization of Climate-Related Disclosures for Investors” [Aprimoramento e Padronização das Divulgações Relacionadas ao Clima para Investidores]. A proposta completa está disponível [aqui](#).



“Consistência é a chave. Você nunca gosta de ver certos países relatando de uma determinada maneira. Nós nos tornamos um ambiente tão global... Eu ousaria pensar que teríamos sistemas diferentes, precisamos tentar evitar o máximo possível sistemas separados – mesmo que inicialmente não seja assim. Acho que os governos precisam mostrar liderança nessa área.”

Seguradoras e entidades profissionais, Oceania

Na EMEA, também houve apoio para o ISSB e para uma abordagem de “blocos de construção” onde uma linha de base global poderia ser construída em diferentes jurisdições:

“O bloco de construção 1 é a linha de base global de informações necessárias aos investidores nos mercados de capitais. As questões do bloco de construção 2 serão questões de políticas públicas específicas da jurisdição. O sistema deve acomodar as iniciativas da jurisdição local que serão orientadas por políticas públicas pelo governo nessas jurisdições para obter os relatórios que eles acham que precisam em sua jurisdição. É ingênuo pensar que essas questões de políticas públicas na Europa seriam as mesmas na América do Norte, América do Sul e Ásia. Mas contanto que tenhamos a base global de investidores nos mercados de capitais, será uma grande vitória.”

Empresas e organizações empresariais, EMEA

7. Avaliações robustas são essenciais

Houve um consenso geral entre os participantes de todas as categorias de que algum nível de garantia sobre os relatórios ESG é importante para que os investidores tenham confiança na confiabilidade dos relatórios que orientam suas decisões de investimento.

“A credibilidade que é fornecida por assurance é realmente importante.”

Investidores e Associações de Investidores, Oceania

“Definitivamente, sou fã de ter algum nível de segurança porque, caso contrário, é realmente o Velho Oeste.”

TCWG, Américas

Na Ásia-Pacífico, vários participantes em um amplo espectro do ecossistema de relatórios concordaram que a avaliação das informações ESG mais relevantes é essencial para fornecer confiança e promover a confiabilidade e a justiça dos dados.

Um participante de uma associação de investidores nas Américas expandiu o conceito de *assurance*, destacando que, por sua própria natureza ser baseada em sondagem, a avaliação também pode melhorar o rigor das divulgações. No entanto, atualmente, existem algumas inconsistências na avaliação das informações ESG, incluindo quem as fornece, em que nível (ou seja, limitado ou razoável) e quais informações são realmente avaliadas. Outro participante da associação de investidores acrescentou que *assurance* está ocorrendo em áreas facilmente mensuráveis e não em informações qualitativas que são um problema real para os investidores. Essas inconsistências em suma estão criando confusão no mercado.



“Há muita avaliação limitada sobre certas métricas; não são as empresas de contabilidade que fornecem essa avaliação em sua maior parte. Acho que as pessoas estão se confortando com a ideia de que existe sem realmente entender o que assurance faz. A longo prazo, é preciso voltar para a profissão que está muito mais bem preparada.”

Investidores e associações de investidores, Américas

Um investidor/associação de investidores participante da Ásia-Pacífico observou que os formuladores de políticas poderiam trabalhar ativamente em direção a um sistema de credenciamento para certificar ou qualificar auditores para fornecer os serviços de assurance necessários, começando com a criação de um conjunto de habilidades básicas. Tal medida, concluiu o participante, daria aos seguradores confiança na condução dos serviços de avaliação e entrega dos relatórios e daria aos investidores a confiança de que os relatórios são confiáveis.

8. Novas habilidades necessárias – e todo um esforço do ecossistema.

O ponto anterior sobre um novo conjunto de habilidades essenciais para avaliação foi parte de um tema mais amplo que percorre as discussões de que novas habilidades são necessárias para criar um sistema em sintonia com as demandas da agenda ESG em rápida evolução.

Por exemplo, foi observado na mesa redonda da EMEA que uma compreensão das emissões do Escopo 3 e a relativa falta de tais especialistas é um desafio na capacidade de relatar para entregar o que é necessário.

“O limite é um grande problema. Assim como encontrar pessoas totalmente familiarizadas com o que são gases de escopo 3. Esse é um enorme desafio para as empresas. Um dos problemas reais são os sistemas e controles para coletar os dados em primeiro lugar.”

Acadêmicos e formuladores de políticas, EMEA

Ao mesmo tempo, os participantes da EMEA expressaram a opinião de que chegar a uma mudança em escala e no ritmo necessário é um jogo de equipe e todos no ecossistema têm um papel a desempenhar para impulsionar mudanças positivas - incluindo preparadores, asseguradores, definidores de padrões, políticos, investidores e outros.

Para esse fim, as palavras de um participante da Ásia-Pacífico foram significativas: embora as imperfeições possam sempre existir, não devemos “deixar a perfeição ser inimiga do bom.” Este participante incentivou as empresas a “começar a divulgar algo e incorporar em seus sistemas de gestão” acreditando que a qualidade dos relatórios pode ser melhorada ao longo do tempo.

Em suma, a tarefa de criar relatórios ESG adequados ao propósito confronta a todos coletivamente – todas as partes do ecossistema precisam desempenhar um papel ativo, onde quer que estejam no momento, e trabalhar em conjunto para criar as soluções necessárias.



Perspectivas sobre relatórios ESG

O futuro dos relatórios ESG explorado

Apêndice A: Categorias de Participantes

Categoria do Participante	Descrição
Empresas e organizações empresariais	Empresas de capital aberto ou organizações que as representam
Investidores e associações de investidores	Fundos de investimento ou associações que representam investidores
Acadêmicos e formuladores de políticas	Professores de contabilidade ou funcionários públicos com papel na governança corporativa
Seguradoras e entidades profissionais	Auditores nas firmas-membro do GPPC ou líderes em entidades profissionais